

Artigo de Pesquisa

O MODELO TEÓRICO DA PAISAGEM: UMA REVISÃO DE IDEIAS E ABORDAGENS**The Landscape Theoretical Model: a review of ideas and approaches**Nair Glória Massoquim¹, Jorge Luis P. Oliveira-Costa²

¹ Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Coimbra, Portugal. E-mail: nmassoquim@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3978-2639>

² Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Coimbra, Portugal. E-mail: oliveiracostajorge@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1612-1910>

Recebido em 16/03/2023 e aceito em 28/03/2023

RESUMO: A paisagem, antes de estabelecer-se como conceito, considerando desde que é vista como uma descrição de “tudo que a vista alcança”, acompanha a história da humanidade. Desvendar o meio, significava desvendar os seus traços, ou seja, compreender a paisagem. O presente trabalho tem como objetivo elaborar uma ‘revisão da paisagem’, considerando as ideias que surgiram desde o período em que a ‘paisagem’ ainda não constituía num conceito ou disciplina (tendo em vista que não possuía um método cientificamente estruturado), até as abordagens atuais. Assim, do ponto de vista metodológico, este trabalho constitui numa revisão sistemática sobre o tema da paisagem, considerando as diferentes abordagens que surgiram durante o período de consolidação do conceito: (i) a paisagem dos jardins históricos; (ii) a paisagem na arte das pinturas; (iii) a paisagem das viagens dos descobrimentos; (iv) a paisagem no estudo das plantas (botânica) e dos ecossistemas (ecologia); (v) a paisagem na visão da geografia (temporalidade/espacialidade de atributos físicos, humanos e culturais). Hoje a ‘paisagem’ é entendida como uma disciplina científica especializada, onde as novas áreas do conhecimento (que surgem no bojo das transformações da ciência moderna) vêm integrando e contribuindo com o modelo teórico da ‘ciência da paisagem’. O paisagismo, a arquitetura, o turismo, e a geografia contemporânea, por exemplo, que possuem tradição no uso e aplicação deste conceito, avançam atualmente no âmbito do modelo teórico da paisagem adotando-o como um importante aporte teórico-metodológico, sob uma abordagem multidisciplinar.

Palavras-chave: teoria da paisagem; ciência da paisagem; história da paisagem; geografia da paisagem; evolução do pensamento geográfico.

ABSTRACT: The landscape, before establishing itself as a concept, considering since it is seen as a description of “everything that the eye can reach”, accompanies the history of humanity. Unveiling the environment meant unveiling its features, which understands the landscape. The present work aims to elaborate a review of the 'landscape', considering the ideas that emerged from the period when the 'landscape' still did not constitute a concept or discipline, since it did not have a scientifically structured method, until the current approaches. Thus, from a methodological point of view, this work constitutes a systematic review on the theme of landscape, considering different approaches that emerged during the period of consolidation of the concept: (i) the landscape of historic gardens; (ii) the landscape in the art of paintings; (iii) the landscape of the voyages of discovery; (iv) the landscape in the study of plants (botany) and ecosystems (ecology); (v) the landscape in the view of geography (temporality/spatiality of physical, human and cultural attributes). Today, 'landscape' is understood as a specialized scientific discipline, where the new areas of knowledge, which arise in the midst of the

transformations of modern science, have been integrating and contributing to the theoretical model of 'landscape science'. Landscaping, architecture, tourism, and contemporary geography, for example, which have a tradition in the use and application of this concept, are currently advancing in the scope of the theoretical model of the landscape, understanding it as an important theoretical-methodological contribution to the integrated study of the elements that make up the landscapes.

Keywords: landscape theory; landscape science; history of landscape; geography of landscape; evolution of geography thinking.

INTRODUÇÃO

Ao entendermos a paisagem como 'o conjunto dos traços do meio', e sabendo que o 'meio' está ligado à história humana, logo, se diz que a paisagem acompanha a humanidade desde a sua origem, onde os diferentes termos e abordagens que a constituem foram sendo estruturados sobretudo após o renascimento europeu.

Segundo Maximiano (2004), "a formulação do conceito de 'paisagem' se deu após muito tempo, tendo começado a manifestar-se mais claramente a partir das observações de pintores, artistas, poetas". O autor completa o raciocínio salientando que entre os artistas se destacavam os pintores, cada qual transmitindo por meio de suas emoções e experiências diferentes paisagens. Assim, verifica-se que as paisagens naturais e culturais sempre estiveram juntas (mesmo partindo do imaginário dos artistas), sob certa consonância (como "sociedade vs. natureza").

A partir da sistematização da Geografia como ciência, o debate sobre a paisagem passou a adquirir uma ordenação de ideias, bem como um ordenamento de suas abordagens, que sempre foram organizadas conforme os interesses das diferentes escolas científicas, e até segundo diferenças culturais. Assim, surgiu a necessidade da criação de métodos e conceitos, que foram transformando-se no decorrer do tempo (especialmente a partir das modernas transformações do espaço geográfico e dos avanços da ciência), o que permitiu o estabelecimento das abordagens que são conhecidas hoje. Esta busca por uma padronização teórico-metodológica para a 'paisagem' se deu por meio, sobretudo, da evolução das ciências e das artes.

A paisagem sempre foi representada pelas diferentes culturas, sob suas diferentes abordagens: desde as pinturas rupestres na pré-história, aos jardins renascentistas do período clássico, até o paisagismo do mundo contemporâneo. No entanto, o mais importante avanço no âmbito do tratamento do termo 'paisagem' ocorreu no período moderno, através da iniciativa do geógrafo alemão Alexander von Humboldt, que, amparado pela sistematização das ciências (sobretudo a Ciência Geográfica), empreendeu, a partir do século XIX, um modelo teórico arrojado para a 'paisagem' (tão inovador que até os dias de hoje este modelo é discutido e aplicado pelas diferentes escolas que utilizam o conceito de paisagem). A partir disso, a paisagem passou a ser tratada com conceitos científicos e métodos sistemáticos. Contudo, sabe-se que as suas abordagens continuaram a mudar ao longo da história, conforme o seu uso e aplicação pelas diversas áreas de conhecimento. Através da presente comunicação buscamos estabelecer uma 'retrospectiva da paisagem', a partir de uma revisão sistemática compreendendo desde a gênese do conceito e seus métodos de análise, até as abordagens da paisagem nos dias de hoje.

O CONCEITO DE PAISAGEM

Antes de tudo, faz-se necessário destacar que a paisagem é hoje representada por uma complexidade no que tange aos seus termos, conceitos e métodos de análise, onde diferentes áreas científicas, países e culturas definem a 'paisagem' através de referências próprias, ou ainda pelo tipo de uso deste termo. Segundo Bertrand (1972; 2007), isso acontece desde o surgimento do conceito, onde a 'Paisagem' é usada por várias áreas do conhecimento, sem haver um consenso no âmbito de uma abordagem única. Entre alguns conceitos clássicos, é destaque a visão de Maximiano (2004), que destaca que "os significados do termo paisagem se diversificam a cada definição de dicionário, e tornam-se mais complexos conforme os usuários". Beroutchachvili e Radvanyl (1978), de modo direto e objetivo, definem a paisagem como "a estrutura do ecossistema". Entre as conceituações de organismos oficiais, é destaque a definição sobre 'paisagem' do Conselho Europeu (Comunidade Europeia), que entende a paisagem como "o meio natural, moldado por fatores sociais e econômicos, sob o olhar humano".

No caso dos arquitetos, que se destacam entre os profissionais que mais utilizam a 'paisagem', o mais importante deste conceito é a sua "multiplicidade de sentidos e a imensa gama de possibilidades que oferece à reflexão e à ação sobre o espaço".

Num âmbito interdisciplinar, para destacar a importância da 'paisagem' para várias áreas do conhecimento que utilizam este conceito, Kotler (1976) explica que:

Para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e/ou biológicas.

No caso específico dos biólogos/ecólogos, que trabalham com a 'paisagem', este conceito é entendido como "um mosaico heterogêneo formado por unidades interativas. Esta heterogeneidade existe para, pelo menos, um fator segundo um observador, e numa determinada escala" (METZGER, 2001).

Na visão das humanidades, é destaque o olhar da história e dos historiadores para a paisagem, como explicado por Bonato (2009): "A paisagem, quando representada, torna-se uma imagem. O todo do espaço físico é compilado em uma representação – seja ela pictórica, textual ou quaisquer outros meios. A paisagem está longe de ser o espaço real. Por definição, é apenas uma representação".

Do ponto de vista do turismo, para o turismólogo as paisagens são parte integrante da atividade turística, por isso, dada as diferentes apropriações das paisagens, segundo seus diferentes sistemas de uso, o turismo nem sempre vê a 'paisagem' como uma representação, especialmente quando se trata das paisagens naturais para uso com fins econômicos. Verri (2008) explica que, tendo em conta que "a ideia de paisagem natural pode ser entendida como a ausência das relações sociedade-espaço", a concepção de paisagem natural e o uso deste termo para o turismo não são vistas da mesma forma.

Para os paisagistas, a paisagem é vista como o estudo das plantas, com base, sobretudo, no estudo de espécies ornamentais (arbustivas ou arbóreas), que possam compor jardins ou outras áreas semelhantes. Entre paisagistas destacados neste âmbito é referência o paisagista brasileiro Burle Marx, considerado 'pai' dos jardins tropicais do Brasil (além de nome importante da história da arquitetura paisagista moderna). Burle Marx se interessou pelo paisagismo desde quando estudante de pintura em Berlim, tendo assim, além da sua formação como arquiteto, adquirido formação em pintura (com ajuda de importantes pintores como Leo Putz e Cândido Portinari), tendo sido influenciado de forma significativa pela arte abstrata. Na fase moderna do seu trabalho, Marx projetou cerca de 3.000 jardins em todo o Brasil (e outros lugares do mundo), colaborando com arquitetos renomados, nomeadamente Le Corbusier e Oscar Niemeyer. Os jardins projetados por Marx apresentam características como: destaque para as formas do relevo, geralmente formas com topografias dinâmicas e presença de rotas sinuosas, com cobertura de uma flora exuberante. O Jardim Tropical projetado por Marx (local de sua residência), representa os traços principais da sua obra, considerado Patrimônio da Humanidade UNESCO. Sobre esta visão da Paisagem, Maximiano (2004) destaca:

O paisagista considera o papel das plantas importante como expressão de paisagem. O uso do termo plantas, e não vegetação, indica que sua escala de trabalho é de detalhe. Não ignora que há relações entre plantas e estas com o meio, revelando, assim, que seu conceito de paisagem pressupõe aspectos ecológicos, biogeográficos e culturais, além das qualidades estéticas e funcionais consideradas pela arquitetura.

No que se refere ao uso da paisagem na Ciência Geográfica, o tema é polêmico, sobretudo em razão das alterações que são feitas no conceito, em conformidade com as mudanças de paradigma da área. A geografia possui várias 'escolas de pensamento', onde a paisagem é vista sob inúmeras perspectivas por cada uma destas escolas, com destaque para a sua utilização sob as abordagens natural, cultural e humanista. Sobre o termo 'paisagem' na geografia, Sauer (1925) define:

Uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes; ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas, e apreendido pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre os diversos constituintes, e não de uma simples adição (e que se torna conveniente considerar o papel do tempo).

Tratando da 'paisagem' no campo de interseção entre a geografia e a ecologia, Troll (1939) argumenta que "a paisagem é algo além do visível, é resultado de um processo de articulação entre os elementos constituintes. Assim, a paisagem deve ser estudada na sua morfologia, estrutura e divisão, para além da Ecologia da Paisagem (nível máximo de interação entre os seus diferentes elementos)". Ainda, este autor completa o argumento acima considerando a paisagem "além da forma aparente, concebida como o conjunto das interações entre o homem e o meio ambiente". Assim, para Troll, o conceito de paisagem apresenta dupla possibilidade de análise: a da forma vigente (configuração), e a da funcionalidade aparente (interação de geofatores, incluindo a economia e a cultura humana).

Diferente da ecologia, na geografia o conceito de paisagem tem uma profunda base epistemológica. O uso atual da paisagem pela geografia é resultado do longo percurso histórico desta disciplina: desde a eclosão da geografia teórico-quantitativa, até o debate da paisagem durante a passagem da geografia crítica humanizada (que teve como expoente Milton Santos) para a atual abordagem sistêmica (com destaque para o francês Georges Bertrand). Numa perspectiva humanista da 'paisagem', Santos (1998) afirma:

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos e diferentes momentos.

Em suma, A "Teoria Geográfica da Paisagem" constituiu numa das mais importantes contribuições ao conceito de 'paisagem'. Bertrand (2007) explica que "a partir da paisagem, os geógrafos perceberam a possibilidade de expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito". Assim, tendo em vista que para alguns os limites da paisagem são definidos pela possibilidade visual, enquanto que para outros estes limites são modificáveis, Bertrand (2007) propôs um estudo global integrado das paisagens, entendendo a paisagem como "resultado da combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em contínua evolução" (BERTRAND, 2007).

METODOLOGIA

O modelo teórico da paisagem

O termo paisagem deriva do latim (*pagus* - que significa país), com o sentido de lugar, uma zona territorial. Entre as suas terminologias e respectivos significados pelo mundo, na língua portuguesa o termo "paisagem" é equivalente a "paisagem", enquanto que na língua espanhola é equivalente a "paisaje", na italiana "paesaggio", na língua alemã "landschoft", no inglês "landscape", no holandês "landschap", no francês "paysage", e na língua russa "пейзаж" e/ou "местность" (território).

Entre as correntes mais difundidas no âmbito do estudo da paisagem, são destacados os métodos/correntes: (i) positivista ou positivismo lógico (no qual estão incluídos os métodos indutivo e dedutivo), (ii) o método cultural, (iii) os materialismos histórico e dialético (humanista), (iv) o método sistêmico (destacado pelo uso do 'geossistema'), e, por fim, (v) a corrente fenomenológica.

A revisão do estado da arte do conceito de 'paisagem' exige uma retomada do seu período histórico, desde que o conceito de 'paisagem' surgiu (onde esteve estruturalmente determinado por pouco/nenhum embasamento científico). Por isso, o modelo teórico aqui considerado tem início com a paisagem dos jardins medievais e a paisagem nas pinturas renascentistas (a partir disso, o debate sobre a 'paisagem' avançou adquirindo um amplo desenvolvimento, com diversos enfoques, utilizando diferentes métodos e conceitos). Essa problemática é resultado do fato da

paisagem ser considerada um 'conceito transdisciplinar', usado por várias áreas do conhecimento. Assim, a **primeira etapa** do modelo teórico da paisagem tem início abordando o **período clássico da paisagem** (Figura 1): as paisagens dos jardins suspensos da Babilônia (considerando a Mesopotâmia, século IV a V a.C.), dos jardins egípcios, persas, gregos, romanos, e os jardins chineses.

A pesquisa realizada sobre o estado da arte da 'paisagem' foi abordada a partir da coleta de dados e informações disponíveis, e compilação do referencial teórico já difundido e bem conhecido sobre o tema. Entre as dificuldades encontradas nesta pesquisa destaca-se a falta de informações específicas e de caráter científico, sobretudo no âmbito da visão das paisagens na época dos jardins antigos, nomeadamente no período clássico. Diferentemente do período clássico, a **segunda etapa** do modelo teórico da paisagem - **período renascentista da paisagem** (Figura 1) - possui um grande número de informações. Nesta segunda etapa do modelo teórico é sublinhada a visão das paisagens na arte da pintura, onde destaca-se o francês Claud Lorraine (para além de grande inovador do gênero da pintura, Lorraine é também destacado como o "primeiro paisagista puro", no século XV, reconhecido, sobretudo, por suas pinturas com paisagens naturais).

A **terceira etapa** do modelo teórico da paisagem – **período moderno da paisagem** (Figura 3) – é destacada pela importância do surgimento das diferentes ciências. Nesta etapa, a cada período histórico e, conseqüentemente, mudanças na epistemologia dos conceitos, a discussão sobre a paisagem avançou em conformidade com os interesses das diferentes áreas do conhecimento. Entre as ciências que se destacaram na busca por sanar as dúvidas que surgiam no âmbito do conceito de paisagem, é destaque a geografia. Por isso, nesta terceira etapa do modelo teórico, será dada ênfase as transformações do conceito de paisagem a partir da ciência geográfica, onde destacam-se os seguintes momentos históricos:

- O início das discussões: A discussão sobre paisagem na geografia teve início com **Friedrich Ratzel** (contribuição acadêmica de 1868 a 1894) e seu legado do 'determinismo geográfico' (onde os atributos da paisagem são destacados como 'fatores limitantes'), e **Vidal de La Blache** (vida acadêmica 1878-1898) através do seu conceito sobre "gênero de vida possibilista", que teve grande influência no estudo e interpretação da paisagem natural e cultural;
- A influência de Carl Sauer: Em oposição às correntes determinista e possibilista, **Carl Ortwin Sauer** (vida acadêmica 1923-1975), propôs um modelo para interpretar a paisagem com base na noção de agrupamentos e cultura, rompendo com o determinismo ambiental usado como perspectiva teórico-metodológica: "a geografia histórica seria o estudo das mudanças das paisagens ao longo dos anos, ou seja, do processo de reconstituição das paisagens culturais passadas";
- A Nova Geografia: Entre as décadas de 1950 e 1960, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as abordagens geográficas difundidas até então, não eram suficientes para sanar as lacunas científicas que haviam, e por isso foi necessária uma mudança de paradigma, com surgimento de novas técnicas e métodos para estudo da ciência geográfica. A Nova Geografia (ou geografia pragmática, numérica e/ou quantitativa), combinou discussões de uma

geografia pautada no método quantitativo (cuja base é a análise de dados numéricos e estatísticos), com o materialismo histórico, num estudo voltado sobretudo para a investigação dos problemas sócio-espaciais;

- O Brasil e a Geografia Crítica: No Brasil, entre as décadas de 1970/1980, é disseminada a combinação das discussões Marxistas (dialética) com a instauração da Geografia Crítica (por meio, nomeadamente, do professor Milton Santos - contribuição acadêmica de 1956 a 2001). Amparado pela sua formação acadêmica (em direito, filosofia e geografia), e conhecido pelo uso do método dialético nos trabalhos, Santos tornou-se referência para várias áreas do conhecimento, promovendo uma mudança de paradigma na Geografia com o uso da dialética marxista combinada à geografia crítica;
- Retomada das discussões: Com a dominância dos métodos quantitativo e dialético na geografia, a 'paisagem' ficou, até certo ponto, 'esquecida'. A discussão é retomada nos anos 1970 por alguns autores; entre estes destaca-se o francês Yves Lacoste, que tornou-se conhecido por tratar de estratégias econômicas, sociais e culturais na geografia, e estudo de atributos físicos das paisagens do mundo no combate às guerras entre nações;
- O método sistêmico: Na década de 1970, para além da influência de Lacoste, surge na Geografia a teoria sistêmica através do francês Jean Tricart (e a classificação ecodinâmica do meio ambiente), pautada na Teoria Geral dos Sistemas (T.G.S) do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy (século XX). Através da Escola Francesa (Jean Tricart e Georges Bertrand), surge um "novo método" (sistêmico) na tentativa de explicar as estruturas, fluxos e mecanismos existentes na natureza (surgiu o conceito de 'Geossistema' por meio da Escola Russa de Geografia, idealizado por Sotchava em 1963);
- A paisagem cultural-humanista: No final de 1970, através do americano Yi-Fu Tuan, o estudo da paisagem passou por uma reestruturação, por meio de um modelo teórico inovador, destacado por considerar o significado simbólico das paisagens (aparado pela geografia cultural-humanista), abordando crenças e valores em relação ao homem e à natureza. O estudo da paisagem ganhou força na Geografia, ao destacar aspectos humanísticos e culturais, e adotar como suporte a fenomenologia. Antes do modelo de Tuan, Santos (1998) destacava que a paisagem humanista deve ser vista "numa perspectiva lógica, pois a paisagem já é o espaço humano em perspectiva. É a história congelada, mas participativa, da história viva. São as formas que as funções sociais realizam no espaço. Assim, pode-se falar, com toda legitimidade, de um funcionamento da paisagem". Christofolletti (1982) complementa esta afirmação destacando que: "uma característica da Geografia Humanista é a forma como a paisagem é apreendida, sendo levado em consideração a sua totalidade, de uma forma holística".

A framework abaixo (Figura 1) contempla, em linhas gerais, os traços históricos principais de alguns períodos que marcaram a origem da 'paisagem' e do seu modelo teórico (jardins, pinturas, esculturas, viagens históricas, até o estabelecimento da 'paisagem' como disciplina científica especializada).

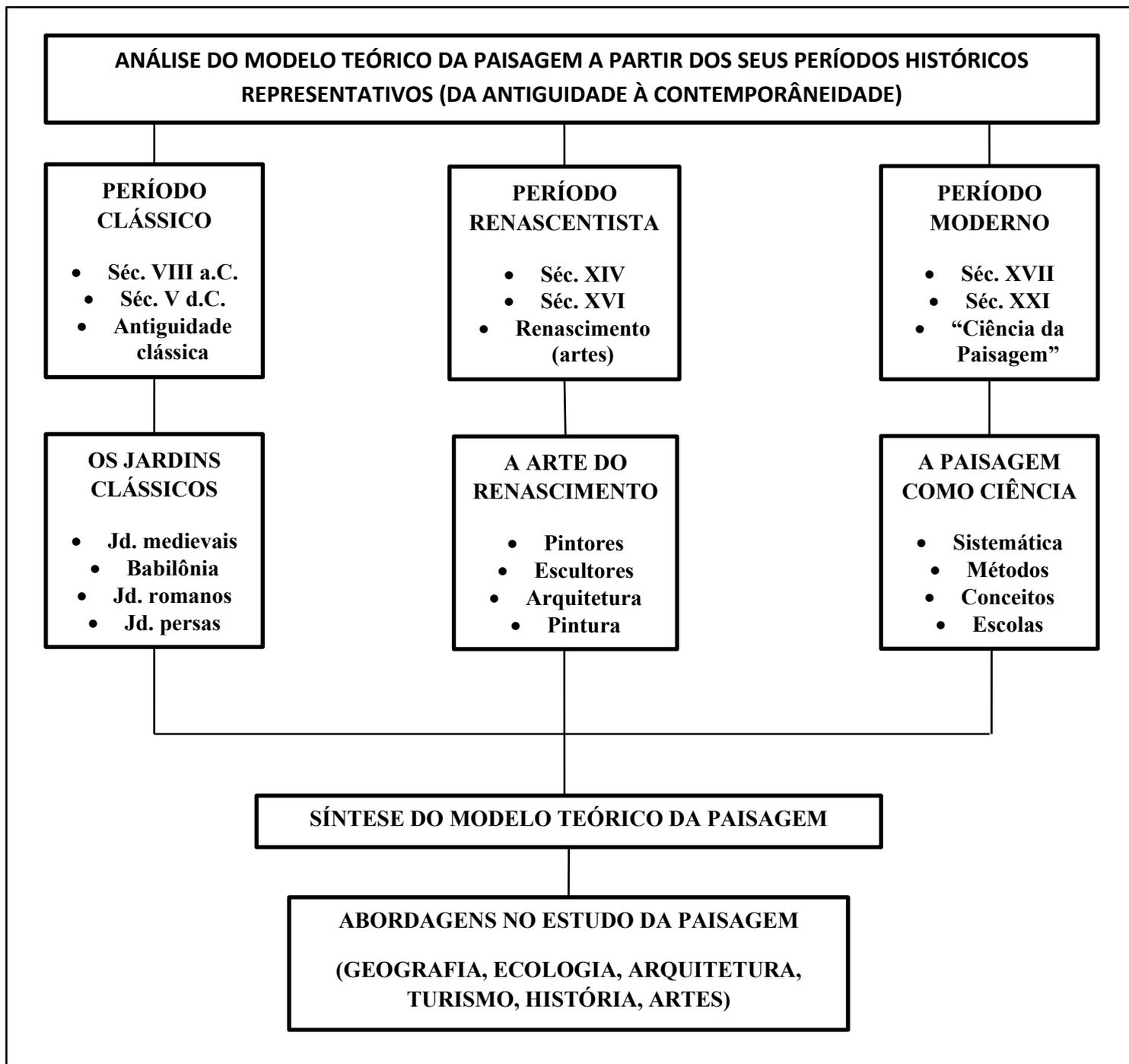


Figura 1: O modelo teórico da paisagem considerado para o desenvolvimento deste estudo.
Fonte: Os autores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Período clássico - A imagem da paisagem desde os Jardins da Babilônia

No que tange ao estudo da ‘percepção da paisagem’, este é bastante antigo. Para os paisagistas, a história da percepção da paisagem teve início com a “arte da jardinagem” desenvolvida no Egito antigo e China (GROMBRICH, 2013), sendo o “berço” deste estudo a “Babilônia” (mesmo ainda não havendo um consenso conceitual no âmbito do termo ‘paisagem’) (GREGORY, 1987).

A origem do termo “paisagem”, hoje objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, está ligada ao surgimento dos “jardins sagrados” da Babilônia. Reconhecido como uma das “sete maravilhas do mundo antigo”, os Jardins Suspensos da Babilônia são conhecidos pela hegemonia dos elementos arquitetônicos (em contraposição aos elementos naturais), especialmente pelo avançado sistema de irrigação, estruturado a partir da canalização dos rios das adjacências do jardim, nomeadamente o Rio Eufrates na Mesopotâmia (a figura 2 apresenta uma reconstituição famosa dos Jardins Suspensos da Babilônia, idealizados por Ferdinand Knab em 1886 d.C). A implantação de modernas técnicas de irrigação permitiu o cultivo e a sobrevivência de várias espécies (como palmeiras e pinheiros) trazidas de outros continentes. “Nos Jardins Suspensos da Babilônia as árvores eram veneradas pela fertilidade, vitalidade e pelos alimentos que representavam. Os grandes jardins da história são como um vocabulário do desenho da paisagem, como cada civilização desejava que ela fosse” (CAVALCANTI, 2010). Tratando deste período histórico, Cavalcanti (2010) destaca que:

Os jardins suspensos da Babilônia são, porventura, a mais mítica das Sete Maravilhas do Mundo Antigo graças à escassez de registos históricos fidedignos não só sobre o seu desaparecimento como também sobre a sua própria construção e funcionamento.

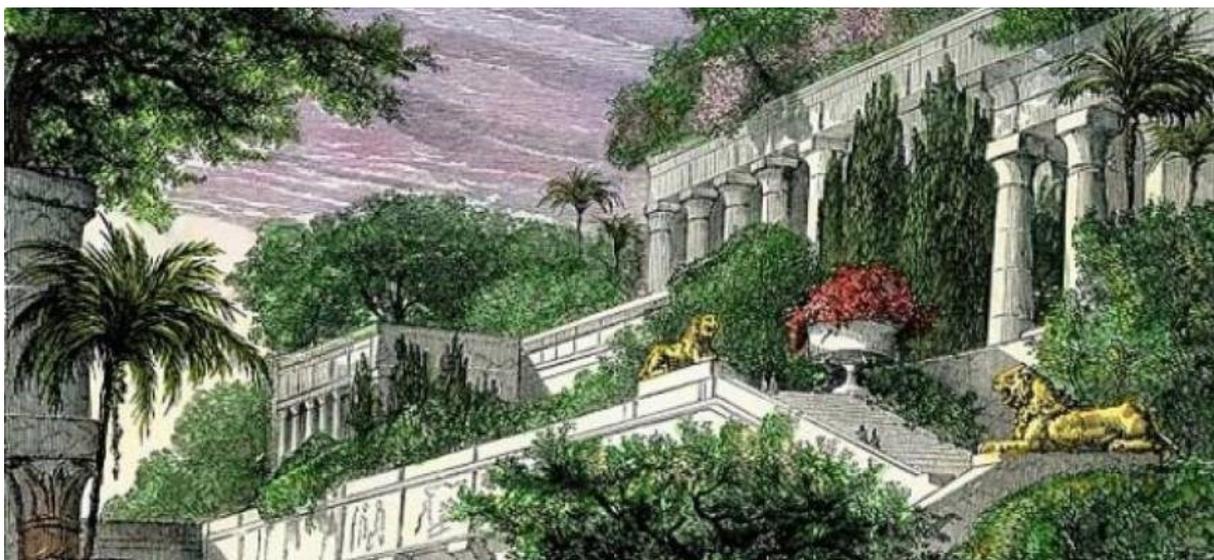


Figura 2: Representação dos Jardins Suspensos da Babilônia.

Fonte: Google sites.

Os Jardins Suspensos da Babilônia contemplavam seis terraços “construídos como andares, dando a ideia de serem elevadiços – ou suspensos [...]. Os andares tinham cerca de 120m², apoiados por gigantes colunas que chegavam a medir até 100 metros” (Cavalcanti, 2010). Apesar da grandeza dos Jardins Suspensos da Babilônia, ainda pouco se sabe sobre a verdadeira história destes jardins, sobretudo referente ao período de construção e o idealizador dos mesmos (uma descoberta recente, no ano de 2013, parece ter sido uma das primeiras comprovações da existência dos Jardins).

Diferente dos Jardins Suspensos da Babilônia, os Jardins Egípcios seguiam outra organização: destacados pela idealização da ‘fertilidade’, os egípcios desenvolviam cultivos com plantas como palmeiras, videiras, figueiras e plantas aquáticas, estruturando seus jardins de acordo com a topografia e a geometria do Rio Nilo (jardins retilíneos e geométricos), com a intenção de criar um lugar com sombra e ar fresco (sendo comparados a oásis). A civilização egípcia antiga permaneceu nas margens do Rio Nilo entre os anos de 3200 a.C a 32 d.C, período em que teve início o domínio romano na região. Por distribuir-se pelo deserto, o Rio Nilo passou a ser fundamental para o desenvolvimento da civilização egípcia. O rio era utilizado como via de transporte, pessoas e mercadorias. Suas águas também eram usadas para fertilização das margens na época das cheias, o que favorecia a agricultura.

As características dos jardins egípcios seguiam os mesmos princípios utilizados na escultura e na arquitetura: a imponência destacada dos jardins era característica de prosperidade (só prosperavam quando as condições de riqueza no antigo império permitiam um notável desenvolvimento das artes – como arquitetura e escultura). De um modo geral, o jardim egípcio desenvolvido de acordo com a topografia do Rio Nilo era constituído de grandes planos horizontais, sem acidentes naturais ou artificiais. As características dos monumentos egípcios - como a rigidez retilínea e a geometria - fizeram com que os jardins tivessem uma simetria rigorosa, seguindo, muitas vezes, os quatro pontos cardeais.

Espécies como os sicômoros, os papiros, as palmeiras e as árvores frutíferas (a figueira, a tamareira, a persea, as videiras), eram as árvores mais comuns representadas nos jardins egípcios, em diversos tipos de desenhos. As flores cultivadas nos jardins eram usadas tanto na decoração de festivais religiosos, quanto para uso medicinal, como: a lótus (para os egípcios esta espécie significava a pureza espiritual, a fertilidade e a criação), o crisântemo, o lírio (esta espécie representava a beleza, a fertilidade, o renascimento), a papoula (espécie utilizada como ornamental, ópio e comida), e outras. Outra representação importante da paisagem no Egito Antigo foram as pirâmides egípcias (Figura 3), um dos mais importantes registros das paisagens do antigo Egito. Construídas no Egito Antigo há cerca de 2.700 anos a.C., as pirâmides são consideradas um dos monumentos mais antigos e famosos do mundo. Com estruturas rochosas resistentes, as três pirâmides de Gizé foram destinadas a três antigos faraós egípcios, sendo eles: Kufu (ou Quéops), Quéfren, e Menkaure (ou Miquerinos) (respectivamente pai, filho e neto). No conjunto das três pirâmides, destaca-se a Grande Pirâmide formada por 169 metros de altura, equivalente à 49 andares, localizada na cidade de Gizé, no Egito. Considerada “uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo e Patrimônio Mundial da UNESCO”, a Pirâmide de Gizé é a única maravilha do mundo antigo que permanece erguida (Figura 3).



Figura 3: Representação das paisagens das Pirâmides Egípcias.

Fotografias: Adriano F. Guimarães (setembro de 2022), organizado pelos autores.

Os jardins gregos, desenvolvidos na Grécia antiga, possuem raízes na cultura ocidental, e foram implantados como o intuito de uma aproximação mais estreita com a natureza (Figura 4). Ao contrário dos jardins do Egito e da Babilônia, e pelas condições locais de clima e solo, os jardins gregos eram concebidos em recintos fechados, e eram compostos, em sua maioria, por inúmeras espécies frutíferas (Figura 4). Os Jardins Gregos eram concebidos como um prolongamento das “partes da casa”, contendo árvores frutíferas como: figueiras, romãs, peras, maçãs, oliveiras e videiras, além de hortaliças e ervas aromáticas, combinado a presença de esculturas humanas e de animais. Estes jardins eram a ‘representação da mitologia grega’, sendo considerados o ‘lugar onde os deuses e deusas visitavam a terra’.



Figura 4: Representação dos jardins durante o período da Grécia Antiga.

Fonte: Google sites.

Desse modo, verifica-se que os jardins possuem papel importante para o ‘estudo da paisagem’, não só os jardins antigos de regiões como a Babilônia, o Egito e a Grécia, mas também os jardins modernos (Figura 5), que posteriormente ganharam destaque em regiões com a França e a Itália, e hoje disseminam-se por todo o

mundo sob diferentes estilos (tropical, mediterrânico, desértico). Cada jardim (moderno ou antigo), possui um estilo. Alguns representam paisagens naturais, outros paisagens humanizadas, outros paisagens mitológicas; alguns eram sempre abertos para o público, outros eram eventualmente abertos ao público, e havia aqueles que eram reservados para ‘deleite da nobreza’ (faraós, reis, imperadores, nobres). Assim, os jardins acompanham a história e evolução da humanidade, inspirando-se nas paisagens locais para construção de uma ‘paisagem ideal’. Os jardins brasileiros, na sua maioria, foram baseados em modelos europeus. Por exemplo, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, criado pelo monarca português Dom Pedro, contemplou representantes de espécies vegetais europeias, como também espécies locais (como as famosas palmeiras imperiais). Mais tarde, a concepção dos jardins brasileiros foi reformulada pelo paisagista Roberto Burle Marx, que introduziu no país o modelo dos ‘jardins tropicais’, compostos, em sua maioria, de espécies das paisagens tropicais. Estes jardins são compostos de plantas com largas folhagens e, diferente dos jardins europeus, não aceitam podas, e são formados de plantas arbustivas, acrescentando mais vida e beleza à paisagem e à natureza.

Figura "A" - Jardim de Versalhes de Luiz XIV, o 'Rei Sol'



Figura 5: Os jardins modernos franceses (como o jardim do Palácio de Versalhes, Paris).
Fonte: Google sites.

Período renascentista - As visões da paisagem através da arte da pintura

Comparados aos jardins medievais, os jardins renascentistas, nomeadamente na Itália renascentista, avançaram para além da tradição do cultivo de vegetais, frutas e plantas medicinais. Estes jardins buscavam se tornar “retiros intelectuais”, onde ‘artistas’ poderiam produzir suas pinturas e esculturas, por exemplo, protegidos da temperatura e das demais perturbações promovidas pelas cidades.

É possível afirmar que o termo ‘paisagem’ se tornou importante a partir do Renascimento, através da noção de ‘paesaggio’ (que está ligado a pintura, em associação com o conceito de extensão) (VITTE, 2007). Nos trabalhos de importantes artistas renascentistas como Leonardo da Vinci e Rembrandt, o conceito de extensão é estruturado com base nas noções de perspectiva, profundidade e terceira dimensão: “assim, o espaço alcança a categoria de entidade pictórica, o qual, por meio de um novo recurso, o plano é associado a um jogo de cores, com gradações na luz. O artista pode abordar uma cena por meio de vários feixes de visão, definindo assim um horizonte” (VITTE, 2007).

Em Roma, Veneza, Florença e Gênova viveram parte dos autores das famosas pinturas renascentistas. A arte da pintura já era uma prática cultural nestas cidades, entretanto, foi a partir deste período que surgiram as ideias artísticas e intelectuais que deram origem ao renascimento. É importante destacar que a representação das paisagens por meio dos jardins históricos não deixou de existir com o advento da pintura renascentista. Pelo contrário, os jardins serviam de ‘ateliês’ aos artistas renascentistas, que inspirados nestes locais produziam representações visuais das paisagens por meio da pintura e da escultura. Entre as características marcantes imprimidas nas obras renascentistas são destaque a religiosidade e a subjetividade.

São inúmeras as obras do período renascentista que destacam-se pela representação das paisagens da época. Em “O Bom Samaritano” (Figura 6), pintura exposta no Castelo Real de Varsóvia, de 1938, Rembrandt representa na sua pintura a passagem de uma tempestade entre nuvens escuras, onde é possível observar o brilho dos raios solares na paisagem. A subjetividade para retratar diferentes paisagens caracterizava as obras de Rembrandt, assim como do pintor Leonardo Da Vinci, outro artista renascentista importante. Dentre as inúmeras obras de Leonardo Da Vinci, é destaque “O Homem Vitoriano”, representando o corpo humano em sua liberdade, perfeição e simetria. Sobre a importância de Leonardo Da Vinci e Rembrandt, e suas obras, Vitte (2007) destaca:

Para Leonardo da Vinci (1452- 1515) caberia ao artista conhecer as regras da perspectiva e as leis da natureza, para somente assim poder representar o espaço. Para Da Vinci, a paisagem era um hieróglifo e expressava uma conexão entre os elementos do mundo, que apresentava uma ordem que estava além da imperfeição. Em Rembrandt (1606-1669) o espaço ganha vastidão em função de um jogo de luminosidades e cores, em que a relação entre o escuro e o claro produziria uma perspectiva cosmológica no espaço.



Figura 6: A paisagem renascentista em “O Bom Samaritano”, de Rembrandt (1606-1669).
Fonte: Google sites.

Sabe-se que, inicialmente, a perspectiva de representar a paisagem seria por meio de pinturas em réplicas. Esta prática surgiu na Idade Média, período em que a paisagem não poderia ser contemplada para além dos muros dos castelos e dos feudos. Assim, neste período em questão, a perspectiva dos pintores era limitada: reproduzia-se o que se vislumbrava no interior das muralhas.

Em Florença, no início dos anos de 1400, os pintores representavam a paisagem que era vislumbrada através das janelas das salas, e na pintura elaborada apresentava-se um retrato da natureza - [...] algumas casas, um campo distante [...] - com uma certa redução da visão total das paisagens. Com o tempo, surgiram novas abordagens, e a paisagem passou a ser retratada em pinturas com uma dimensão vertical e horizontal ampliadas. Neste período ganhou destaque as representações das paisagens através de pinturas sacras. Obras artísticas religiosas nos tetos e paredes das igrejas (altares das igrejas), expandiam a dimensão da representação das paisagens. Michelangelo, renomado pintor renascentista (considerado um dos mais importantes artistas da história), se destacou por seus afrescos, esculturas, desenhos e pinturas sacras, tendo sido arquiteto, escultor e pintor do período renascentista (a sua obra “O Juízo Final”, de 1534, no altar da Capela Sistina, no Vaticano, em Roma, está entre as suas telas mais conhecidas). Sobre a importância dos artistas deste período histórico, Vitte (2007) sublinha:

A pintura no renascimento partiu do interesse pelo período clássico e da vontade de renovação da arte. Nessa época, os artistas tinham o desejo de fazer obras com a maior proximidade possível do real, utilizando técnicas como a perspectiva, luz e sombra, textura e cores. Com o naturalismo, a representação de uma cena espelhada no mundo real se tornou muito importante, fazendo com que a natureza fosse parte das representações, e, posteriormente, conduzindo à pintura de paisagem.

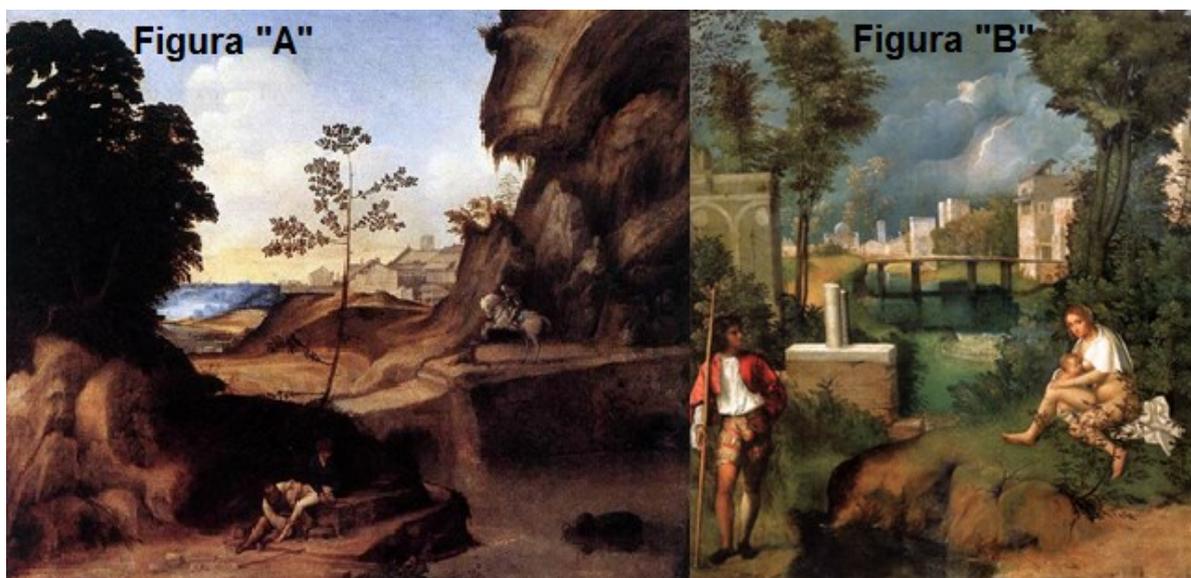


Figura 7: A paisagem da época retratada na obra “Pôr do Sol”, de Giorgione de Castel.
Fonte: Google sites.

Outro aspecto importante a destacar do período renascentista, é que este momento histórico e suas contribuições ganharam relevância a partir do declínio e fracasso do período anterior. Com o fim da Idade Média, a crise do sistema feudal, a produção agrícola em decadência, a peste negra (epidemias), as rebeliões e as guerras que marcaram este período da história, o mundo passou por uma revolução que culminou no renascimento. Foi no bojo destas transformações globais que surgiu o primeiro termo para designar a 'paisagem': *landschaft* (em alemão 'superfície terrestre', ou áreas que se distinguem umas das outras por características externas). A paisagem passou a referir-se a áreas de campos, espaços abertos, parques públicos, jardins, ou poderiam ser representadas artisticamente, em esculturas e pinturas sob telas. "Nas expressões artísticas de Fra Angelico, Albrecht Durer, Leonardo Da Vinci e Jérôme Bosch, a paisagem deu lugar a figurações simbólicas [...] (MAXIMIANO, 2004). No Ocidente, os primeiros registros da paisagem como representação visual datam do século XV, realizados por pintores, especialmente italianos (MAXIMIANO, 2004). A ideia da 'contemplação desinteressada da natureza' para retratar as paisagens foi possível com a descoberta da perspectiva cônica (corpo tridimensional sob plano). Com esta evolução tecnológica, a arte se desenvolveu, e a paisagem passou a ser representada numa perspectiva natural, significativamente próxima da realidade: "a ideia da paisagem ideal e harmoniosa com o céu, rio e terras, tal como a entendemos na atualidade, define-se com o pintor francês Claude Lorrain". Como uma das obras de Lorrain que melhor destacam este aspecto, está a tela em que Lorrain retrata a paisagem do casamento de Isaac e Rebecca (Figura 8). Trata-se de uma história de amor do filho de Abraão, relatada na bíblia, em Gênesis, no Antigo Testamento.



Figura 8: A paisagem do casamento de Isaac e Rebecca, obra importante de Lorrainm.
Fonte: Google sites.

Nesta mesma perspectiva, da busca pela paisagem ideal e harmoniosa, são destaque também as paisagens retratadas pelos jardins ingleses: “os jardins das casas de campo inglesas do século XVIII celebravam o controle da natureza para que esta fosse semelhante a uma pintura, que é considerada modelo das verdadeiras paisagens” (LUÍS, 2016). Desse modo, a arquitetura começou a desempenhar um papel importante na representação das diferentes paisagens: “as casas apresentam uma arquitetura, onde surgem varandas (ou loggias) que acompanham os diferentes lados das casas, com elementos arquitetônicos especificamente planejados para que o proprietário pudesse usufruir das paisagens envolventes” (LUÍS, 2016). A pintura foi considerada o maior avanço em termos dos estudos da paisagem no século XVI e século XVII, entretanto foi a partir dos avanços do século XVIII com a pintura europeia e a arquitetura na busca de um realismo cada vez maior (preocupando-se com a apreensão dos pormenores da natureza), que os estudos da paisagem adquiriram projeção.

Neste mesmo período em epígrafe, entre o renascentismo e a era contemporânea, é importante destacar as representações das paisagens das grandes navegações, na era dos descobrimentos (Figura 9). Para traduzir a paisagem dos descobrimentos, os artistas faziam croquis, cartas e mapas, representando a cartografia da paisagem da época. Ao mesmo tempo, estes profissionais também produziam as representações humanas (como uma fotografia), pintadas em quadros da era renascentista. Estas pinturas também representavam as paisagens dos jardins, e para representar a cartografia da paisagem neste período, estes profissionais utilizavam imagens fotográficas representadas em quadros e pinturas. Assim, o maior avanço deste período histórico foi a cartografia dos descobrimentos, especialmente a dos portugueses, que nos últimos anos do século XV cruzaram a costa ocidental africana chegando à Índia, atingindo o Cabo da Boa Esperança (entre 1487 e 1488), e chegaram ao Brasil entre 1500 e 1501 aportando na atual cidade de Porto Seguro (Bahia). No século XVI os Europeus chegaram à China e ao Japão, ligando a Europa aos novos eixos de circulação mercantil. Dessa forma, a paisagem da Era dos Descobrimentos não foi estudada, mas observada e explorada. Entre as causas e objetos envolvidos destacaram-se o ouro, a prata, a porcelana e a seda chinesa, combinado a exploração dos recursos naturais (como o pau-brasil).

Portanto, a discussão sobre ‘paisagem’ neste período teve influência das viagens dos descobrimentos e dos viajantes que tentavam descobrir o ‘novo mundo’; a paisagem desta época era sempre caracterizada pelo primeiro olhar, e o primeiro olhar vislumbrava sempre a paisagem e algumas de suas características de ocupação do espaço, sejam elas físicas ou humanas.

Passado o período dos jardins clássicos, das pinturas renascentistas (com as obras em telas e as esculturas progressistas), até a era dos descobrimentos do período moderno, o avanço no estudo e nas discussões sobre a paisagem foi progressivo, embora sob diferentes perspectivas, na tentativa da modernização das técnicas, sobretudo a partir da geografia e da ecologia. Surge a ‘Teoria da Paisagem’, que foi sendo aperfeiçoada significativamente com o tempo, com diferentes contribuições.



Figura 9: A chegada do Rei Dom Filipe II na cidade de Lisboa (Portugal).

Fonte: Google sites.

Período moderno – Estabelecimento da Ciência da Paisagem

Antes de tratar sobre a trajetória do conceito de paisagem e sua sistematização no período moderno (séc. XVIII aos dias atuais), são sublinhadas abaixo algumas das principais características deste período em questão:

1. O período moderno da paisagem é historicamente marcado pelo iluminismo, corrente filosófica que defendeu a importância da razão (questões acerca do interesse da razão e o problema da liberdade). Este período é conhecido como ‘século das luzes e ilustrações’, dominando o século XVIII, com reconhecimento da filosofia no mundo das ideias, na defesa do princípio da razão, propondo razões ou explicações para as causas e efeitos das coisas.
2. Este período é marcado pelo desenvolvimento das ciências através de um conjunto de conhecimentos empíricos, teóricos e práticos sobre a natureza, produzindo pesquisadores a partir de métodos sistematizados, garantindo o progresso da civilização. É também destacado como o período de liberdade do ser humano de pensar, agir e sentir, independente da influência ou cultura.
3. No âmbito do tratamento da paisagem no início da geografia, aliada à escola francesa de Vidal de la Blache e seus seguidores, é valorizado o papel da história e das relações de contingência para estudo da paisagem. Nesse contexto, a paisagem passa a significar uma realidade territorial espacialmente limitada e uma expressão visível das sociedades que contribuíram para a sua construção, numa perspectiva formalista, funcionalista e regionalista, e nas críticas mais politizadas.
4. Tendo em vista a abrangência do termo (diversas línguas e culturas), sempre que é destacada a paisagem a maior dificuldade é na sua definição. Segundo provérbio chinês, “a paisagem está, ao mesmo tempo, na frente dos olhos e atrás dos olhos”. Para Bertrand (2007), cada um possui uma imagem

associada à paisagem e a define por meio de suas próprias referências. Entretanto, desde que surgiu (século XV), quando ainda não constituía num conceito científico, a paisagem traz em sua história uma série de definições. Para alguns, a palavra tem significado visual ou artístico (Landschaftsbild), expressando-se por meio de desenhos, ou ainda documentada nas pinturas rupestres. Difundido entre os artistas (na arte da pintura), o termo está ligado especialmente com o período do Renascimento (divulgação das grandes obras de artes). Para outros, 'paisagem' é um termo explorado com o advento das grandes navegações (a partir da última década do século XV), quando desperta grande interesse na perspectiva das paisagens do além-mar com a chegada dos europeus na América, um dos marcos deste período.

5. Em meados do século XIX, o estudo da paisagem, com o avanço tecnológico, e o avanço técnico e metodológico empreendido por Alexander von Humboldt, passou a ser uma preocupação de geógrafos e geólogos. Para além de Humboldt, o grande avanço dos estudos da paisagem neste período deve-se a publicação da obra de Eduard Suess, "A face da Terra". A obra causou grande impacto, sobretudo pelo autor ter sido conivente com as discussões dos geógrafos: os estudos da natureza não se tratam apenas da 'superfície', mas, sim, da 'face', posteriormente traduzida por 'interface', correspondendo a terra (de um lado) e a atmosfera (litosfera, hidrosfera e atmosfera) (de outro lado). Dessa forma, "combinada em termos de interface, a paisagem deixa de ser um quadro sem vida; ela é feita de ambientes" [...] "A ideia da paisagem como interface atmosfera/litosfera/hidrosfera, como suporte da biosfera, logo se acrescenta uma outra ideia: por que não ver na paisagem a interface entre os homens e a natureza? [...]" (CORRÊA, 2004). A partir destas discussões, a paisagem passou a ser estudada em toda a sua extensão (Figura 10). Este debate é considerado crucial para o início do estudo científico das paisagens.

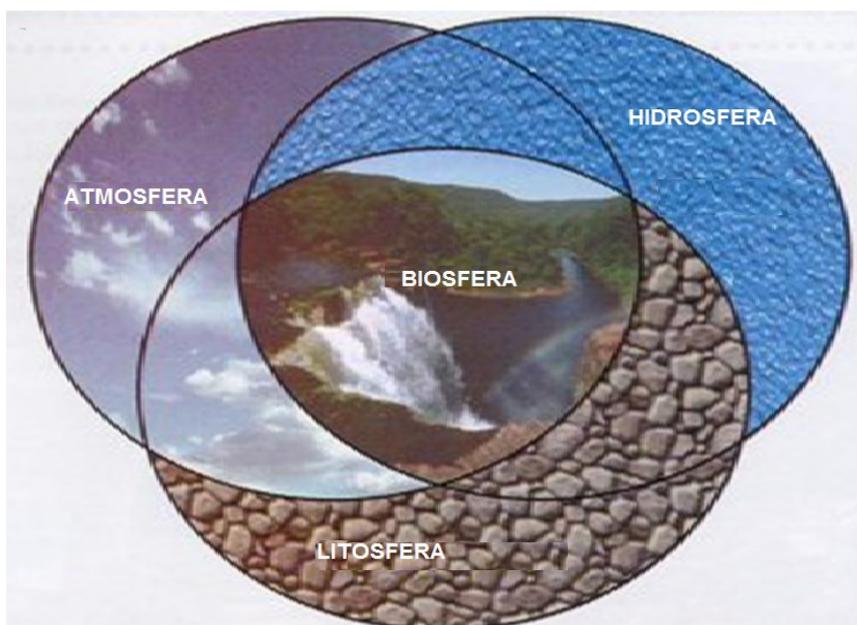


Figura 10: O estudo da paisagem na interface entre atmosfera, litosfera e hidrosfera.
Fonte: Os autores.

Pode-se afirmar que o conceito de 'paisagem' sempre teve mais destaque entre os geógrafos, inicialmente com os naturalistas alemães (a partir do século XIX), quando o termo paisagem (*Landschaft*) adquiriu um significado científico, transformando-se num conceito geográfico. Ainda, pode-se dizer que os geógrafos se interessaram pelas paisagens desde que a Geografia foi constituída como disciplina.

Por meio dos geógrafos, os viajantes, que se utilizavam da geografia dos espaços, passavam a conhecer a natureza das regiões que percorriam. Contudo, até o século XVIII, a descrição da paisagem era difícil, pois ainda não haviam conhecimentos específicos para tratar, por exemplo, as formas do relevo ou das rochas. Assim, os geógrafos propuseram taxonomias, o que permitiu classificar um número expressivo de plantas e animais, bem como as formas do relevo. Estes sistemas de classificações surgiram por meio da primeira escola dos estudos da paisagem, a Escola Alemã. Desde as primeiras discussões, a visão da paisagem pelo geógrafo se diferencia da visão dos pintores, paisagistas, arquitetos, historiadores, turismólogos e viajantes: "o papel do geógrafo que analisa a paisagem é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe [...]".

Humboldt foi um pioneiro para a ciência geográfica, cuja a importância na formulação do conceito de paisagem pode ser entendida a partir de quatro importantes obras: *Viagens às Regiões Equinociais do Novo Mundo*; *A Geografia das Plantas*; *Quadros da Natureza*; *Cosmos* (VITTE, 2009). Também é deste geógrafo a denominação do termo 'paisagem' como *Landschaft* (ampliado e aprofundado por estudiosos - como Dokuchaev, Passarge e Berg - entre fins do século XIX e início do século XX). Após significativo progresso, só a interpretação da paisagem (descrição dos objetos) não era suficiente – faltava a representação da estrutura das paisagens. Esta representação (mais elaborada) da paisagem foi estabelecida por Humboldt, que formulou uma nova forma de representar a paisagem, com princípios metodológicos de análise. De início, a representação fez-se por meio de desenhos em pranchas (Figura 11), posteriormente editadas em tabelas. Pode-se verificar que as 'pranchas' elaboradas por Humboldt não diferem de uma pintura (Figura 11) - apenas possui perspectivas e sensibilidades diferentes. Mesmo que o avanço do estudo da modelagem da sistematização das paisagens tenha sido progressivo, Humboldt, no final do século XVIII e início do século XIX, já produzia importante trabalho sobre as paisagens dos Andes (Figura 11).

A partir de Humboldt, o debate da paisagem avançou entre os geógrafos. Pode-se dizer que a Geografia, num primeiro momento, se interessava sobretudo pelos fenômenos naturais, numa discussão combinada com a Geologia, uma disciplina de natureza física. Já a "distribuição dos homens" e suas atividades na superfície da Terra, tornaram-se objeto de pesquisa da geografia a partir de 1880 e 1890, sobretudo pela influência de Friedrich Ratzel e seus estudos de geografia humana. Sobre isso, Corrêa (2004) destaca que:

Não é de esperar que por volta de 1900 sejam numerosos os geógrafos que definem sua disciplina como uma ciência da paisagem ou das paisagens [...]. A paisagem do geógrafo resultava da reconstrução sistemática daquilo que pontos de vista sucessivos haviam permitido descobrir, mas continuavam suficientemente próximos do olhar do pintor para que sua descrição falasse da harmonia, das formas e das cores.

É importante salientar que o período histórico em epígrafe (período moderno) se destacou pelos avanços científicos com base no método positivista, descritivo. Por isso, apesar do reconhecido mérito de vários autores do estudo das paisagens deste período, os métodos de abordagem (positivismo, por exemplo) não permitiam a modernização do estudo da paisagem por serem significativamente tradicionais, destacados pela pobreza do senso crítico. No âmbito dos estudos da paisagem, atribuía-se principal importância ao estudo dos atributos físicos, tendo destacado teóricos importantes da Geografia da Paisagem, como: Sigrifid Passarge, com a publicação do livro *Grundlagen der Landschaftskunde* (1919-1920) (livro com enfoque nos elementos físicos da paisagem), e Carl Troll (geógrafo e ecólogo) que em 1938 introduziu o conceito de *Ecologia da Paisagem* (conceito que passou a ser tratado mais tarde por *Geoecologia das Paisagens*).

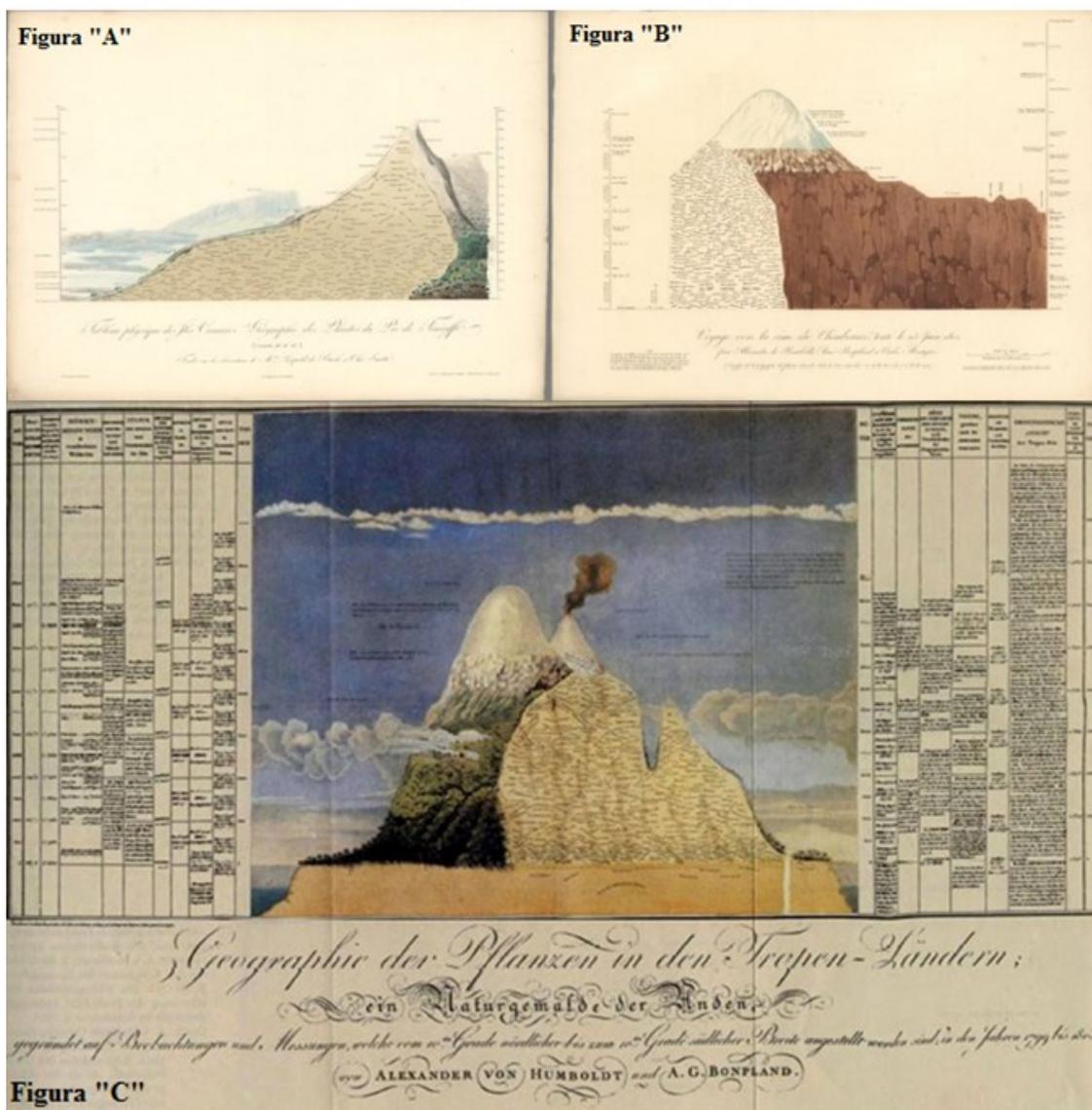


Figura 11: Segundo a ordem em que as figuras aparecem no mosaico: (a) Tabela Física das Ilhas Canarias - Geografia das plantas do Pico de Tenerife; (b) Pico do Chimborazo, Equador; (c) Tabela física dos Andes.

Fonte: Google sites.

A partir de meados do século XX os geógrafos alemães, franceses e americanos passaram ao estudo aprofundado das paisagens físicas, tendo esta área nos Estados Unidos, por exemplo, sido desenvolvida sobretudo por geomorfólogos (com destaque para William Morris Davis). A partir da década de 1960 - com Sotchava e posteriormente com Bertrand - a discussão da paisagem passou a ser abordada à luz do método geossistêmico (que muitos autores o denominam como modelo e não como método) (Figura 12). Na década de 1970, quando a discussão sobre paisagem (pouco tratada pela geografia pragmática que dominava o período) foi retomada, a discussão se expandiu combinada com o debate de geossistema, pautada na Teoria Geral de Sistemas (TGS), do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy.

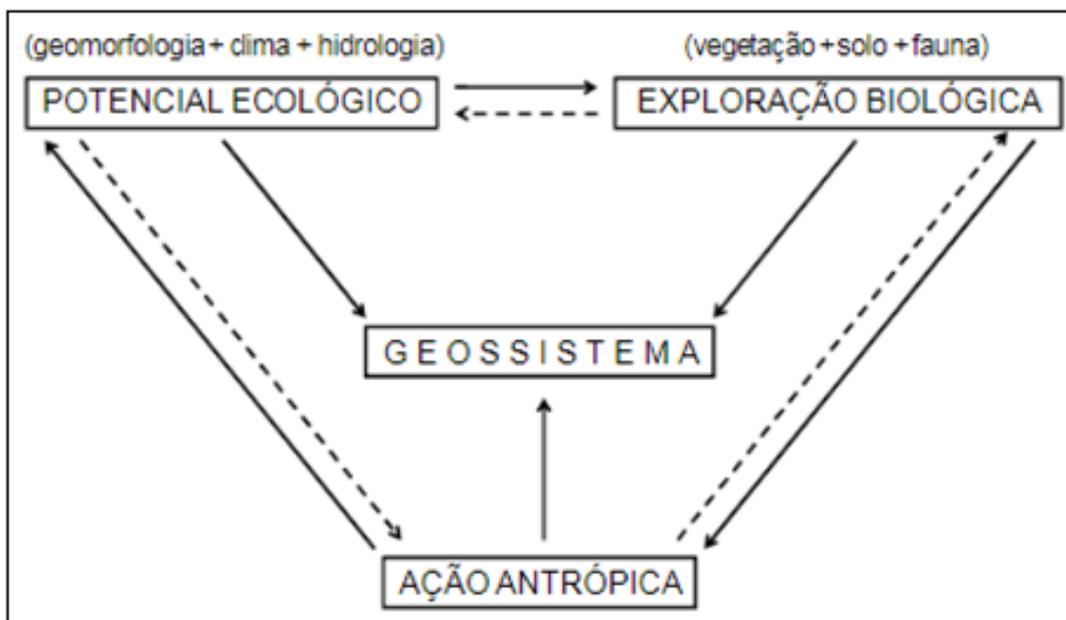


Figura 12: O modelo teórico da geoecologia das paisagens – O geossistema.
Fonte: Bertrand (1971), adaptado pelos autores.

Otto Schlüter, o primeiro teórico da geografia a abordar a ‘ciência da paisagem’, foi destacado por ter dedicado sua carreira a datar as fases de desmatamento que afetaram a Alemanha e a Europa Central, aplicando este estudo à paisagem: “datou os momentos em que as clareiras se expandiram e aquelas em que a floresta retomou o terreno. Em seguida tentou acompanhar os efeitos derivados da agricultura, que desnuda os solos e acelera a erosão” (CORRÊA, 2004). Numa discussão mais centrada nos aspectos da geografia física (mesmo quando tratava da agricultura - atividade em que o homem modifica a paisagem), Schlüter apresentava mais preocupação com a ação antrópica no solo (a erosão), comparativamente a outros atributos importantes da paisagem (o clima e sua influência na restauração das florestas e degradação dos solos, por exemplo).

Considerando o papel determinante no desenvolvimento da Ciência da Paisagem proporcionado pelas mais importantes escolas do estudo da paisagem e alguns de seus representantes, destaca-se: (i) a Escola Alemã – destacada pelo estudo dos

aspectos físicos e botânicos da paisagem; (ii) a Escola Francesa – destacada pela influência humanista (de Vidal de La Blache, sobretudo); (iii) a escola Russa (Siberiana) – destacada por estudar a paisagem, especialmente a natural, como uma ‘reserva’ de recurso econômico e como gestão deste recurso; (iv) a Escola Americana – destacada pela influência da geografia teórico-quantitativa, estudando a paisagem de forma geossistêmica (Figura 13).

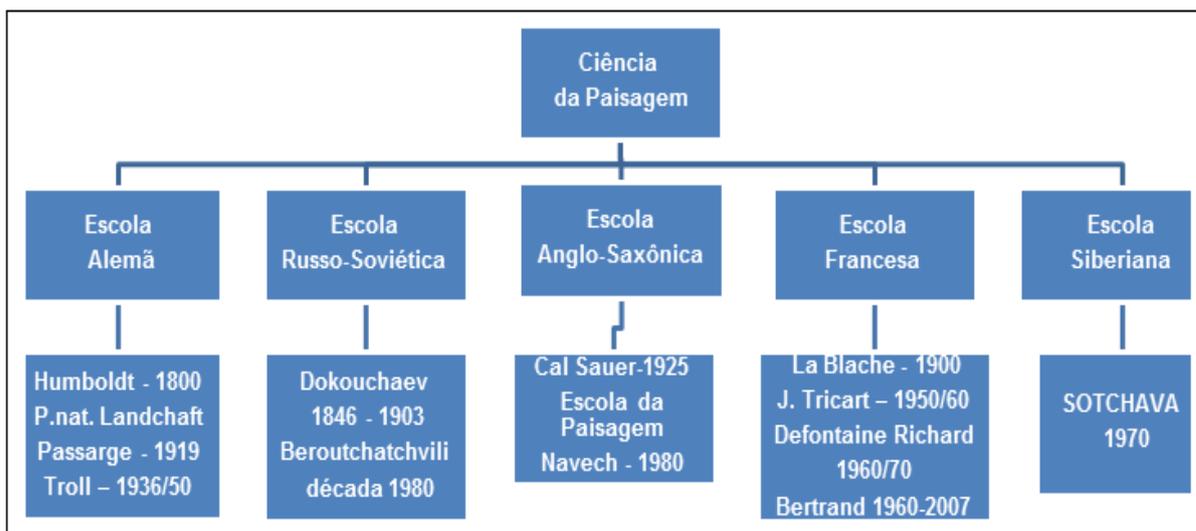


Figura 13: O modelo teórico da geocologia das paisagens – As escolas da paisagem.

Fonte: Os autores.

É durante este período em epígrafe que se estabelece as bases da nova ciência geográfica, denominada no século XX de *Landschaftovedenie* ou Ciência da Paisagem. O aparecimento nos anos de 1930 da expressão *paisagem cultural* representou um acréscimo ao conceito de *Landschaft*, que havia perdido a sua dimensão cultural (sobretudo por este conceito ter estado ligado durante muito tempo às paisagens agrárias, cujos estudos estabeleceram as bases da ciência da paisagem nos anos 1920-1930). O elemento cultural retornou para dentro do modelo da paisagem nos anos de 1970, quando as ciências soviéticas do *Landschaft* se preocuparam outra vez com o papel do homem no processo de evolução das paisagens. Esta nova preocupação é fruto dos estudos sobre os efeitos das transformações na conservação da natureza.

No Brasil, a maior contribuição no estudo das paisagens foi promovida por Aziz Ab'Saber (especialmente no que se refere a geomorfologia), tendo este realizado uma renovação metodológica e instrumental nas pesquisas geomorfológicas do território nacional brasileiro. Para Vitte (2007): “Ab'Saber compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais”. Outra referência importante dos estudos da paisagem no Brasil, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro destacou-se na discussão da paisagem numa outra perspectiva, utilizando a análise integrada, o que culminou posteriormente no uso do modelo geossistêmico e na sua aplicação através do modelo denominado de “Unidades de Paisagem”. Sobre o ponto de vista de Monteiro, Vitte (2007) destaca que:

Para Monteiro (1977), o geossistema seria uma categoria complexa, na qual interagem elementos humanos, físicos, químicos e biológicos, sendo que os elementos sócio-econômicos não constituem um sistema antagônico e opoente, mas estariam incluídos no funcionamento do próprio sistema que formaria um todo complexo, um verdadeiro conjunto solidário em perpétua evolução. Os geossistemas apresentariam uma grandeza espacial que resultaria de sua própria dinâmica ao longo do tempo, tendendo a serem casa vez mais complexos, na medida em que ao longo da história intensificar-se-ia a ação humana na superfície terrestre.

Outra aplicação do método geossistêmico muito difundida no Brasil é o modelo teórico de Bertrand (1971; 2007), que defende, em linhas gerais, o geossistema, sendo este constituído por todos os atributos físicos (clima, geologia, geomorfologia, hidrografia e pedologia), numa associação com a exploração biológica. A variação resultante do potencial ecológico e da exploração biológica no espaço/tempo, confere uma dinâmica particular/específica ao geossistema. “Por sua dinâmica interna, o geossistema não apresenta necessariamente homogeneidade evidente. Na maior parte do tempo, ele é formado de paisagens diferentes, que representam os diversos estágios de sua evolução”, como destacado por Bertrand (2007).

Para Pissinati e Archel (2009), a aproximação de três conceitos (geossistema, território e paisagem) para analisar o funcionamento de um determinado espaço geográfico de forma holística, permitiu o surgimento do Modelo GTP (Figura 14). O uso da metodologia “GTP” serve não só para a delimitação e representação cartográfica das áreas, mas também para detectar os problemas existentes e o grau de responsabilidade da ação antrópica sobre os mesmos, ou ainda para planejar estratégias para conter, reverter ou amenizar os impactos existentes. Bertrand (2007), ao propor o modelo GTP, o aborda segundo três vias metodológicas: **1. Geossistema:** um conceito naturalista que evidencia a interação entre três componentes: biótico, abiótico e antrópico. O Geossistema introduz a dimensão geográfica nos estudos do meio ambiente, privilegiando a dimensão histórica (impacto das sociedades) e a dimensão espacial (horizontal e vertical). **2. Território:** neste conceito está contemplada a dimensão natural, no sentido de dimensão naturalista de um conceito social, permitindo analisar repercussões da organização e dos funcionamentos sociais e econômicos sobre o espaço. É o conceito considerado como “a interpretação socioeconômica do geossistema”. **3. Paisagem.** Dimensão cultural da natureza. Neste conceito é possível entender as representações sociais da natureza (na interface entre sensibilidade/subjetividade). A paisagem permite, por exemplo, estudar o solo, um fenômeno físico-químico, para sua interpretação socioeconômica e representação social, bem como assegura a transição de um projeto socioeconômico e de uma representação social para um objeto natural (Figura 14). Quanto aos procedimentos adotados para o sistema GTP (BERTRAND, 2007), primeiro se aplica o método geossistêmico por meio de uma coordenada global, integrada, interativa e com múltiplas escalas no espaço e no tempo. A mesma se apoia na elaboração de diversos documentos: levantamentos de terreno, mapas, transectos, croquis e blocos diagramas, imagens, estatísticas e pesquisas de arquivos. O resultado consiste numa diversidade de materiais secundários de dados analíticos. É um suporte racional, modulável e de múltiplas escalas que serve como base material da análise paisagística (Figura 14).

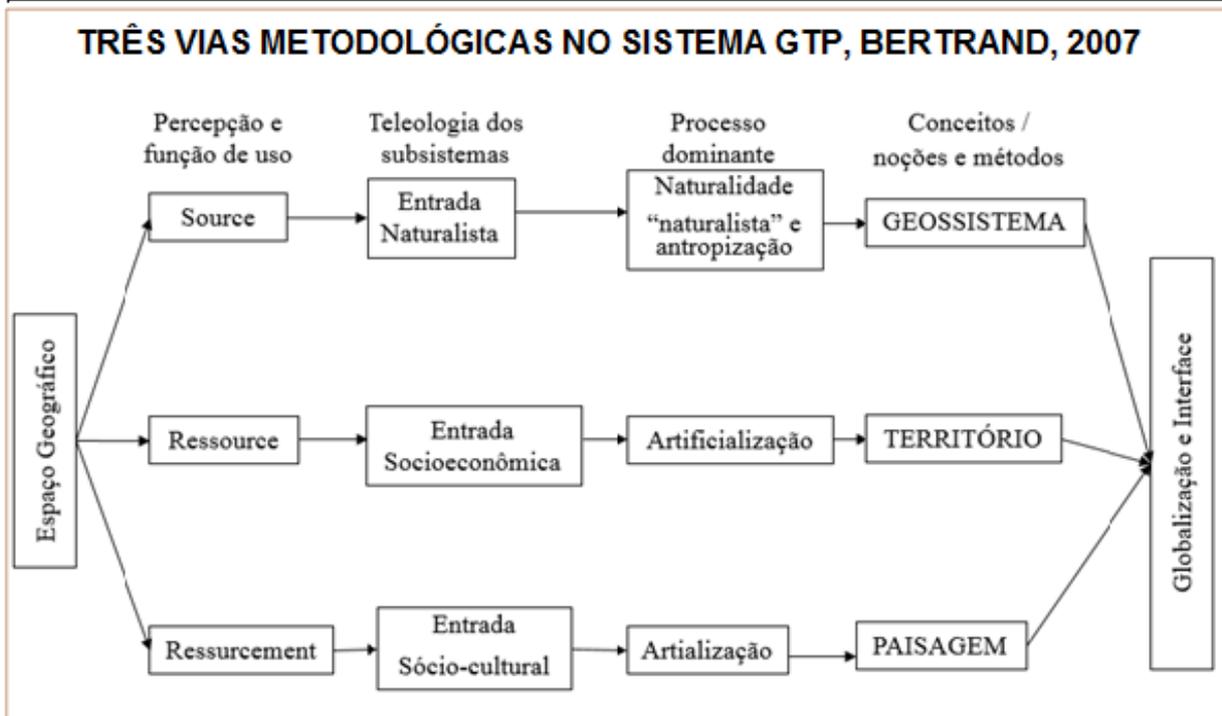
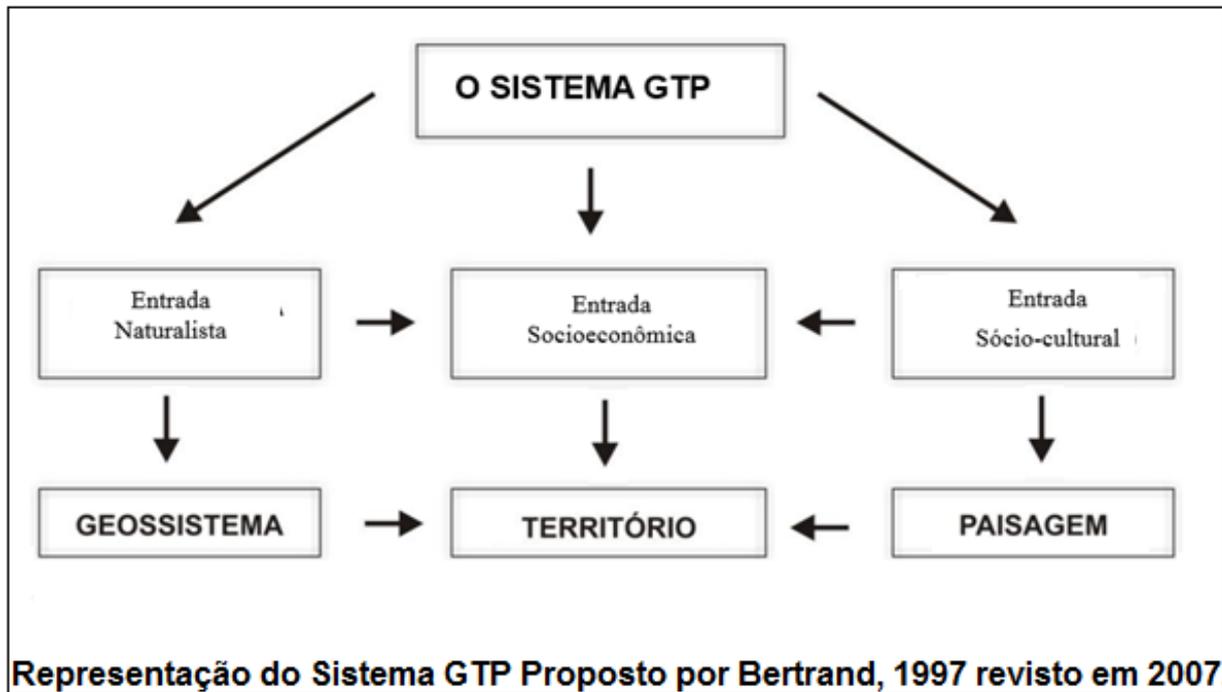


Figura 14: O modelo teórico da geoeologia das paisagens – O modelo GTP.
Fonte: Bertrand (2007), organizado pelos autores.

O primeiro propagador do termo 'ecologia' e considerado pai desta disciplina foi o alemão Ernest Haeckel, que em 1866 usou pela primeira vez a terminologia 'ecologia'. Originária da palavra grega "**oikos**", que significa "**casa**", e "**logos**", que significa "**estudo**", entende-se por 'ecologia' a ciência que estuda as relações dos seres vivos e seu ambiente. No âmbito dos estudos da paisagem, na ecologia, é destaque a 'Ecologia da Paisagem' (ou 'Ecologia de Ecossistemas'), uma ciência interdisciplinar com escopo e desenvolvimento baseados em abordagens espaciais, temporais e funcionais, como destacado por Oliveira-Costa (2022):

O termo ecologia da paisagem foi cunhado por Carl Troll, um geógrafo alemão em 1839 (Troll, 1939). Ele desenvolveu essa terminologia e muitos conceitos iniciais de ecologia da paisagem como parte de seu trabalho inicial, aplicando a interpretação da fotografia aérea aos estudos de interações entre meio ambiente e vegetação.

Um exemplo da aplicação do conceito de ecologia da paisagem pode ser visualizado na Figura 15. Trata-se de um parque ecológico (Parque da Lagoa Azul, localizado na cidade de Campo Mourão/PR). Em razão da ocupação desordenada (para produção agrícola), a formação florestal local encontra-se restrita, restando poucos fragmentos de Mata Atlântica, com presença de alguns ecótipos de Floresta Ombrófila Mista. Na Figura 15 é conspícua a fragmentação da paisagem florestal, o que, por sua vez, possibilita a materialização da estrutura geral do modelo teórico da ecologia da paisagem (mancha – corredor – matriz – borda). Processos de degradação das paisagens tem ocorrido em todos os ecossistemas do planeta, causando sérios prejuízos ecológicos, com diminuição da vegetação original, resultando em paisagens com fragmentos, formas e graus de isolamento diferentes.



Figura 15: O modelo teórico da ecologia – a ecologia da paisagem. **Fonte:** Os autores.

A análise da complexidade de paisagens fragmentadas e sua diversidade é feita pela ecologia da paisagem a partir de um modelo teórico que compreende o conjunto interativo da estrutura da paisagem ecológica, que é composto por mancha, corredor, borda e matriz: **Manchas:** em linhas gerais, pode-se designar de 'manchas' áreas homogêneas, restritas e não-lineares da paisagem, que se distinguem das unidades vizinhas sobretudo pela presença de elementos bióticos (plantas e animais) com número, diversidade e riqueza específicos. **Corredores:** denominados de 'corredores ecológicos', um 'corredor' pode ser entendido, em linhas gerais, como áreas homogêneas com certa linearidade na paisagem: "os corredores ecológicos são considerados como uma estratégia para amenizar os impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente, e uma busca ao ordenamento da ocupação humana para a manutenção das funções ecológicas no mesmo território" (OLIVEIRA-COSTA, 2022). **Matriz:** em linhas gerais, a Matriz é considerada a unidade dominante da paisagem (espacial e funcional), ou um conjunto de unidades de 'não-habitat' (portanto, pode tratar-se de uma 'paisagem' adjacente a um fragmento florestal). **Borda:** Borda, em linhas gerais, é considerada a área onde há alterações nas zonas ecotonais, que determinam a sobrevivência das espécies nestas zonas. Uma borda pode ser estrutural (áreas de transição ou contato entre diferentes unidades de paisagem), ou funcional (áreas onde a intensidade dos fluxos muda significativamente).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo é mais um exercício teórico no âmbito dos estudos das paisagens, para uma nova experiência de contestação do quão complexo é o conceito de "paisagem", e como, na mesma perspectiva, também se tornaram complexas as suas abordagens e métodos, especialmente com o advento da sistematização e cientificidade das diferentes áreas do conhecimento. Verifica-se que no debate central da paisagem, seja ele no âmbito da conceituação ou da metodologia, há sempre diferentes formas de abordagem e de interpretação da paisagem, segundo cada área do conhecimento, ou de acordo com cada disciplina científica (muitas vezes dentro de uma mesma ciência), sejam áreas físicas (geografia, ecologia, geocologia, conservação), humanas (economia, sociologia, geografia), ou culturais (artes, arquitetura, história). Diferente de outras categorias, o estudo da paisagem resistiu ao tempo realizando adaptações e mantendo uma relativa "unidade".

"Paisagem" é (e sempre será) "Paisagem", independente das referências e abordagens adotadas por cada escola e cada autor. Por exemplo, mesmo quando ainda não constituía num conceito científico, verificou-se que a "paisagem" já se integrava como "conceito" pelas mais variadas áreas do conhecimento. A "paisagem" deste momento específico está constatada nos jardins históricos que resistiram ao tempo, nas variadas obras de arte (com base na visão do que é "belo" e o que é "profano"), nas pinturas e esculturas dos artistas da época, destacando, numa certa perspectiva, a "paisagem" a partir da sensibilidade de observar a natureza e retratá-la. Com o passar dos tempos, sobretudo após a sintetização/organização das ciências, observou-se, no entanto, que determinados métodos específicos para estudo da paisagem foram sendo exigidos.

O entendimento de que ‘a paisagem é dinâmica’ foi se tornando cada vez mais difundido, sendo este ‘dinamismo’ o responsável pela variedade de interpretações que existem sobre a “paisagem”. Estas interpretações variam sobretudo na dependência da área que utiliza a paisagem, e da escala temporo/espacial adotada. Assim, pelas palavras de Leo Name (2010): “conforme a interpretação do lugar, a paisagem possui necessariamente elasticidade e ambiguidade, sendo impossível de apreendê-la de forma totalizante e encarcerá-la em uma definição única, assim como a cultura”.

Por fim, verificou-se nesta pesquisa que ao se abordar a “paisagem” através das diferentes áreas de conhecimento e dada a variedade de autores que trabalham com este conceito, tendo em conta a perspectiva histórica do termo (seus conceitos e usos), parece que a ideia nunca foi “apreende-la”, mas somar a outras discussões já existentes, numa contribuição de novos conhecimentos para diferentes áreas (que tem se beneficiado com o desenvolvimento desta temática). Contudo, no caso específico da geografia, a “paisagem” aparece como um conceito-chave, como descrito nas palavras de Troppmair: “PAISAGEM é um termo fundamental para a Geografia, com significado científico, assim como as rochas são para um petrógrafo, a biocenose para o biólogo, e a época para o historiador” (TROPPMAIR, 2001).

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Nair Glória Massoquim e Jorge Luis Oliveira-Costa. **Metodologia:** Jorge Luis Oliveira-Costa e Nair Glória Massoquim. **Análise formal:** Nair Glória Massoquim e Jorge Luis Oliveira-Costa. **Pesquisa:** Nair Glória Massoquim e Jorge Luis Oliveira-Costa. **Preparação de dados:** Nair Glória Massoquim e Jorge Luis Oliveira-Costa. **Escrita do artigo:** Nair Glória Massoquim e Jorge Luis Oliveira-Costa. **Revisão:** Jorge Luis Oliveira-Costa e Nair Glória Massoquim. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

- AB' SABER, A. N. **Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. Geomorfologia**, São Paulo: n. 52, p. 1-22, 1977.
- AB'SABER, A – **Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário**. Geomorfologia, n. 18, IGEOG-USP, 1969.
- ALVES, T. **Paisagem: em busca do lugar perdido**, Finisterra : Revista Portuguesa de geografia. - Vol. XXXVI, Nº 72, 2001, p. 67-74.
- SCHMIDT, L. P. & ANDRADE, A. R. D. **Metodologias de pesquisa em Geografia**. 2015.
- ARGAN, G. C. **História da arte italiana. De Michelangelo ao futurismo**. 3º volume. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- BERTALANFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BEROUTCHACHVILI, N. & RADVANYI, J. **Les structures verticales des géosystèmes**. Toulouse: Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest, 49 (2), 1978.

BESSE, J. M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. Perspectiva**, São Paulo, 2006 (Col. Estudos, 230).

BESSE, J. M. **L'espace du paysage: Considérations théoriques**. In Toni Luna & Isabel Valverde (Dir.), *Theory and landscape: Reflections from interdisciplinary perspectives* (pp. 7-24). Catalunha: Observatori del Paisatge & Universidade Pompeu Fabra. 2010.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, São Paulo: 1971.

BERTRAND, G. « **La "science du paysage", une "science diagonale"** » In: *Revue géographique des Pyrénées et sud-ouest*, v. 43, fasc. 2, p.127-133, Toulouse, 1972(a).

BERTRAND, G.; PASSOS, M. M. (Orgs.). **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.

BONATO, T. **Construindo a paisagem da América Portuguesa: imagens textuais nos relatos de viagem do final do período colonial**. Londrina/PR, II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009, p. 96-100.

CAVALCANTI, A. P. B. **Fundamentos Históricos da Geografia**. Teresina: EDUFPI, 2010.

CAVALCANTI, A., & VIADANA, A. G. **Organização do espaço e análise da paisagem**. Rio Claro: UNESP, 2007.

CHORLEY, R. J. & HAGGET, P. **Modelos integrados em Geografia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, Ed. da USP, 1974.

CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

COSTA, C. e SANTOS, N. **A paisagem enquanto produto turístico e património natural e cultural**. O caso da Serra da Estrela. Cadernos de Geografia nº 38 - 2018. Coimbra, FLUC - pp. 23-41.

COSGROVE, D. **Extra-terrestrial geography: cosmography before and after Von Humboldt**. The Alexander Von Humboldt Lectures, Department of Geography, UCLA, Los Angeles, 2000a.

CUSTÓDIO, M. M. **Conceito jurídico de paisagem: contribuições ao seu Estudo no Direito Brasileiro**. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais. 2012.

CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

CORRÊA, R. L. **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

CRUZ, R. C. A. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo**. In: YÁZIGI, E. A. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

- DIAS, J. & SANTOS, L. **A paisagem e o geossistema como possibilidade de leitura da expressão do espaço sócio-ambiental rural**. Confins, número 1, 2º semestre, 2007.
- GREGORY, K. J. **A natureza da Geografia Física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- HOLZER, W. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A Crônica dos Viajantes do Brasil do século XVI**. 1998. 257 fls. (Tese). Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo, 1998.
- LA BLACHE V. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos, s.d. 1921.
- LACOSTE, Y. **Paysages politiques**. Braudel, Gracq, Reclus. S.l.: Le Livre de Poche, 1990.
- LACOSTE, Y. **A quoi sert le paysage? Qu'est-ce un beau paysage**. Hérodote, v. 7, p. 3-41, 1977.
- LETTIS, R. M. **O espaço na pintura paisagística**. In: Introdução à História da arte da Universidade de Cambridge. O Renascimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- LÚIS, A. S. **Imaginários da paisagem**. Tese Doutorado em Belas-Artes Especialidade em Pintura, UNIVERSIDADE DE LISBOA, FACULDADE DE BELAS-ARTES, 2016.
- KOTLER, U. **Paisagem - uma definição ambígua**. C.J. Arquitetura: Revista de arquitetura, planejamento e construção. Rio de Janeiro: FC Editora, n. 12, ano 3, 1976.
- MASSOQUIM, N. G.; AZEVEDO, T. R. Campo Mourão: estudo da paisagem em áreas conflitivas no entorno do Lago Azul. **Anais do Encontro de Geógrafos da America Latina (EGAL)**, Bogotá, Colômbia: 2007.
- MASSOQUIM N.G. e CUNHA. L. S. **Conservação da Paisagem na Ilha das Flores – Arquipélago dos Açores – Portugal**. Espaço em Revista, v. 24, n. 1, jan/jun. 2022, p. 625 - 647. In. Dossiê Temático - Representações da Paisagem em Portugal e no Brasil. ISSN: 1579 - 7816 v. 24, n. 1, jan/jun. 2022 (Edição Especial).
- MAXIMIANO L. A. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. Raega - O Espaço Geográfico em Análise. 2004: (8).
- METZGER J. P. **O que é ecologia de paisagens?** Biota neotropica. 2001; 1:1-9.
- MONTEIRO, C. **Geossistemas: a história de uma procura**. Contexto, São Paulo: 2001.
- NAME, L. **O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura**. GeoTextos, vol. 6, n. 2, dez. 2010.163-186 pp.

NEVES, C. E. **Georges Bertrand: contribuições à discussão e aplicação do "geossistema complexo" no Brasil**. Estudos Geográficos, Revista Eletrônica de Geografia, 3:139-166.

OLIVEIRA-COSTA, J. L. P. & MASSOQUIM, N. G. **Avaliação das características regionais das paisagens - um modelo alternativo**. Revista Entre-Lugar (UFGD. Impresso), v. 13, p. 240-276, 2022.

OLIVEIRA-COSTA, J. L. P. **Geografia, ecologia e paisagem: reflexões didáticas e científicas no âmbito do ensino**. In: Anabela Fernandes; Cláudia Cravo; Fátima Velez de Castro. (Org.). Desafios do Currículo Escolar no Século XXI. 1ed.Coimbra (Portugal): Editora da Universidade de Coimbra (Portugal), v. 1, p. 1-51, 2022. 65.

OLIVEIRA-COSTA, J. L. P. **Caracterização Geral dos Sistemas de Classificação da Vegetação no Brasil**. Centro de Ciências Humanas e Letras/ Universidade Federal do Piauí (UFPI), pp. 105, 2012.

PASSARGE, S. **Physiologische Morphologie**. Hamburgo: Friedericksen, 1912.

PISSINATI, M. C. & ARCHEL, R. S. **Geossistema território e paisagem - método de estudo da paisagem rural sob a ótica bertrandiana**. Geografia – v. 18, n.1. 2009.

RAMOS, J., SILVA, R. **História de Portugal**. Lisboa: Porto Editora, 1987.

RODRIGUES, R. S. R. **Jardins verticais Utilização para fins terapêuticos** Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista. Universidade de Lisboa, Lisboa: 2018.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. D.; CAVALCANTI, A. P. B. **Geoecologia da paisagem: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. Fortaleza: EDUFC, 2004.

ROGER, A. **Court traité du paysage**. Paris: Gallimard (Bibliothèque des sciences humaines), 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1998.

SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SOTCHAVA, V. B. **O estudo de geossistemas**. Instituto de Geografia. USP, São Paulo: Ed. Lunar, 1977.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Superintendência de Recursos Naturais e Meio ambiente. Diretoria Técnica. Rio de Janeiro, 1977, p. 97.

TROLL, C. **Luftbildplan und ökologische Bodenforschung** (Aerial photography and ecological studies of the earth). Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde, Berlin: 1939, p.241-298.

TROPMAIR H. **Ecologia da paisagem: da geografia para ciência interdisciplinar**. GEOGRAFIA, UNESP, Rio Claro, 26(1): 103-108, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Thought and landscape: the eye and the mind's eye**. In: MEINIG, Donald W (ed.). The interpretation of ordinary landscapes. New York: Oxford University Press, 1979, p. 89-102.

VERRI, P. **Ecoturismo: uma indústria sem chaminé?** São Paulo: FFLCH, 2008.

VITTE, A. C. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano. 6, núm. 11, 2007, pp. 71-78 Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0